

DA IGNORÂNCIA AO CONHECIMENTO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE ÉDIPO-REI

FROM IGNORANCE TO KNOWLEDGE: A FOUCAULT'S READING OF OEDIPUS, THE KING

INCERTI, F. (2018). Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei. *Archai*, n.º 23, May-Aug., p. 109-133
DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_23_4

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar de que forma a problemática do saber se desenvolve nas leituras foucaultianas da tragédia Édipo-Rei. Entre a descoberta de si mesmo e a revelação da verdade que liberta Tebas, opera-se em Édipo a passagem da ignorância ao conhecimento, que demarca, por toda peça, um complexo jogo de saberes: saber de escuta e saber da visão; saber longínquo e saber da presença; saber dos reis e saber do fundo das cabanas dos escravos; saber da predição e saber do testemunho; saber que se retira voluntariamente do enigma e saber que se esconde sob o medo e que

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

somente a ameaça consegue extrair. Para Foucault, Édipo é detentor de um conhecimento em excesso que determina seu caráter, seu modo de ação e seu destino.

Palavras-chave: Saber, Édipo-Rei, Michel Foucault, Tragédia Grega.

Abstract: The aim of this paper is to verify how the problem of knowledge is developed in Foucault's readings of the tragedy, Oedipus the King. Between the discovery of himself and the revelation of truth that liberates Thebes, it happens in Oedipus the passage from ignorance to knowledge, which delimits, throughout the entire play, a complex game of knowledge: listening and vision knowledge; distance and presence knowledge; kings knowledge and the slave hut background knowledge; prediction and testimony knowledge; knowledge that voluntarily withdraws from the enigma and knowledge that lurks beneath the fear and only the threat can extract it. For Foucault, Oedipus holds an excess knowledge which determines his character, his mode of action and destiny.

Keywords: Knowledge, Oedipus the King, Michel Foucault, Greek Tragedy.

1. INTRODUÇÃO

A publicação da maioria dos cursos de Michel Foucault proferidos no Collège de France entre os anos de 1970 e 1984, e de outras conferências realizadas em diferentes universidades do mundo no mesmo período, mostra que suas análises acerca da tragédia de Édipo são mais recorrentes do que se imaginava. Por muitos anos, o único pronunciamento conhecido e amplamente estudado sobre esse tema foi feito no Brasil, entre os dias 21 e 25 de maio de 1973, e publicado um ano mais tarde nos cadernos da PUC do Rio de Janeiro sob o título *A verdade e as formas jurídicas*. Somente em 2008, quase 35 anos depois, o grande público pôde ter acesso a um novo parecer do pensador francês sobre o mais famoso drama do teatro grego, com a publicação do curso *Le Gouvernement de soi et des autres*, proferido entre os anos de 1982 e 1983.

Além da segunda conferência de 1973 e das aulas de 19 e 26 de janeiro de 1983, já citadas, outras leituras de Foucault sobre Édipo se constituem como um vasto e rico material de exame. Em 2011, em virtude do lançamento do curso de 1970-1971, *Leçons sur La Volonté de Savoir*, passa-se a conhecer a aula de 17 de março de 1971, a primeira dele exclusivamente sobre o assunto, juntamente com um dos mais importantes e completos estudos edipianos de Foucault, chamado “Le savoir d’Œdipe”, proferido em março de 1972 na State University of New York e, em outubro do mesmo ano, na Cornell University, ambas nos Estados Unidos. Em 2012, é publicado o curso de 1979-1980, *Du Gouvernement des vivants*, no qual ele dedica ao herói de Sófocles especialmente

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

as aulas de 16 e 23 de janeiro de 1981. E, por fim, um texto muito significativo é a conferência de 28 de abril de 1981, editada pela Universidade de Louvain, na Bélgica, também em 2012, sob o título *Mal faire, dire vrai: fonction de l'aveu en justice*.

A visão geral que temos atualmente, tendo por base os textos publicados, leva-nos a uma constatação: as leituras de Foucault a respeito de Édipo-Rei iniciam no decorrer de suas pesquisas conhecidas como genealógicas e se estendem para seus últimos escritos, que tratam das questões concernentes à constituição do sujeito ético. Por todo esse período, além da investigação acerca da descoberta progressiva da verdade, desenvolvida por ele a partir da “lei das metades”, suas análises da peça se detêm sobre as questões relativas à problemática do saber e do poder.

Igualmente, é relevante observar que há uma série de outros conceitos discutidos pelo pensador francês no interior do texto sofocliano, que estão diretamente relacionados às pesquisas desenvolvidas por ele, especialmente na década de 80. Destaca-se, por exemplo, a noção de dizer-verdadeiro, no curso de 1979-1980; de confissão, na conferência de 1981; e de *parrêsia*, no curso de 1982-1983.

Diante dessa variedade de temas e abordagens teóricas propostas por Foucault em suas leituras de Édipo-Rei, no presente artigo pretendemos examinar, de forma um pouco mais esquemática, como ele desenvolve a problemática em torno do saber. Trata-se de analisar em que medida ela se torna decisiva para o desfecho da tragédia, ou seja, a revelação da verdade, que conduz Tebas à sua libertação e Édipo

ao seu destino. Para isso, além dos principais textos de Foucault sobre o assunto, utilizaremos aqui comentadores “clássicos” da peça de Sófocles, dos quais alguns foram, a partir de seus textos, interlocutores diretos do pensador francês.

2. O SABER DE ÉDIPO

O saber de Édipo é um tema recorrente entre os estudiosos da tragédia. Uma de suas figurações mais comuns é, sem dúvida, o significado e a construção etimológica que o nome do herói vai adquirindo verso a verso da peça.¹ Num importante artigo, Vidal-Naquet (1999, p. 282-283) observa que Sófocles constrói a personalidade de Édipo por meio de um jogo frequente entre seu nome, Οἰδίπους, e o verbo que tem o sentido de “eu sei”, οἶδα. Tal aspecto, crucial para o desenrolar da trama, carrega consigo uma imensa dose de tensão e ironia, pois por todo o enredo Édipo transita entre o conhecimento quase divino e a extrema ignorância sobre si mesmo.

Nesse contexto, os exemplos se multiplicam ao longo da peça. Quando do interrogatório de Tiréias, Édipo vangloria-se de ter, nos piores tempos de Tebas, derrotado a Esfinge: “Foi em tais condições que eu aqui vim ter; eu, que de nada sabia; eu, Édipo, impus silêncio à terrível Esfinge; e não foram as aves, mas o raciocínio o que me deu a solução” (395-398).² Alguns versos antes, vemos o sacerdote apelar ao saber de Édipo, em busca de uma solução para o mal que naquele momento afligia a cidade: “Tu, que és o mais sábio dos homens, reanima esta infeliz cidade, e confirma tua glória!” (45-46). Na discussão com Creonte (379-403), recém-retornado

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

de Delfos, ele se mostra conhecedor do universo político e, ao denunciar a conspiração, que imagina ter sido arquitetada por seu cunhado e Tirésias para tirá-lo do poder, deixa clara sua compreensão de que saber e poder caminham juntos.

Noutra perspectiva, Bernard Knox (2002, p. 111-112) salienta que a conversa com Tirésias é decisiva para desvelar a ignorância na qual Édipo está mergulhado. À resposta ao adivinho, plena de sarcasmo pela expressão “eu, que nada sabia”, segue-se a hesitação: “Quem são meus genitores?” (437). O protagonista se apresenta agora desconhecedor de algo que quase todos sabem, mas que ele mesmo ignora e que na peça ocupa o lugar central: sua própria ascendência.

No encontro com o mensageiro de Corinto, a história se repete e, a cada palavra, a ignorância de Édipo se acentua. Vemos isso quando, diante do temor de reencontrar Mérope, que ele considera sua verdadeira mãe, o servo lhe indaga: “Meu filho, vê-se bem que não sabes o que fazes!” (1008). Alguns versos mais tarde, é Jocasta, que ao se dar conta do destino trágico que a une a seu filho-esposo, afirma: “Infeliz! Tomara que tu jamais venhas a saber quem és!” (1068). Nas últimas cenas, é ele mesmo quem se admite um sabedor às avessas, bem diferente do conhecedor prepotente e técnico dos versos iniciais: “Aliás, eu bem sei, que não será por doença, ou coisa semelhante, que terminarei meus dias; nunca foi alguém salvo da morte, senão para que tenha qualquer fim atroz” (1455-1458).

Desde o início de sua caçada pela verdade, Édipo não demora muito para perceber que os deuses zom-

bam de sua condição e que o conhecimento sobre o qual ele sustenta seu poder torna-se o motivo de sua catástrofe. Tudo está escrito simbolicamente na etimologia de seu nome, que é a “oposição entre as duas primeiras sílabas e a terceira” (Vernant; Vidal-Naquet, 1999, p. 83). Ele é οἶδα, ou seja, o conhecimento quase divino e tirânico, que repetidamente aparece em sua boca e o transforma, por sua coragem e determinação, rei legítimo em terra estrangeira. Mas ele é também οἶδημα; marca de inchaço presente em seus pés (πούς) desde seu nascimento e que o recorda de seu destino de excluído, lançado para longe de sua terra. E ademais, como nos recorda Knox (2002, p. 162), οἶδα e πούς se repetem no texto de Sófocles com uma “intensidade assustadora”.

Para Montimer Earle (1901, p. 40), em Édipo é possível reconhecermos elementos estruturantes, “mais ou menos homogêneos, mais ou menos heterogêneos”, comuns à maioria das fábulas mitológicas. A criança de castigo exposta pelos pais, o herói que destrói monstros e, por fazê-lo, conquista a princesa, e o solucionador bem-sucedido de enigmas que está, por isso mesmo, sob pena de morte. Ademais, para ele, há dois “mitos etimológicos” relacionados ao nome de Édipo. Como *knowfoot*, “pé-sabido”, ele soluciona, ante a Esfinge, o enigma sobre os pés,³ e como *swellfoot*, “pé-inchado”, ele leva a marca de seus pés feridos, enfermidade que recorda a criança maldita e abandonada na natureza selvagem por seus pais, pronta para morrer.⁴

Sófocles utiliza-se de tais elementos, como vemos na textura que se constrói com o nome de Édipo nos trocadilhos⁵ utilizados pelo mensageiro de Corinto, quando procura o rei para comunicar-lhe a morte

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

de Políbio. Alguns pensadores se perguntam se a passagem se trata de um jogo de palavras de mau gosto do poeta ou mesmo de coincidência.⁶ Nunca saberemos. O fato é que ele insinua uma conjugação com nome do herói e o verbo “saber onde”:

ἄρ' ἂν παρ' ὑμῶν, ὧ ξένοι, μάθοιμ' ὅπου
τὰ τοῦ τυράννου δώματ' ἐστὶν Οἰδίπου;
μάλιστα δ' αὐτὸν εἶπατ', εἰ κάτισθ' ὅπου.⁷

Nas conferências de 1972, Foucault faz uma breve, mas importante referência à construção etimológica do nome de Édipo. Sua interpretação invade, com maior força, o campo político. Para ele, o protagonista de Sófocles é de fato οἶδα, mas o é em relação a um saber específico, situado na conjunção de dois outros saberes. O primeiro deles é o de Tirésias, relativo a um conhecimento oracular, de vidência e adivinhação, do qual nem o passado nem o futuro escapam. O segundo saber é o do testemunho e da confissão. Esse é próprio do escravo, que, submetido ao constrangimento para revelar aquilo que já passou, obedece inteiramente à lei. Além do mais, para Foucault, é o saber de Édipo que obriga esses outros dois a se formularem. Do adivinho, recebe a reprimenda: “Tu me fizeste falar contra deliberação minha” (358) e ao servo obriga: “Por bem não falas? Falarás chorando!” (1152).

No interior desse jogo de saberes, para o pensador francês, Édipo é aquele que respondeu à Esfinge e salvou a cidade, mas tornou-se incapaz de resolver o enigma no qual ele se transformou. O texto do poeta é enfático ao recordar que ele é o não-sabendo, ὁ μηδὲν

εἰδὼς Οἰδίπους (397) e que é a sua própria ignorância que o levará à maldição. “Não estás tu naturalmente hábil a encontrar os enigmas?” (440), pergunta ironicamente Tirésias. Mas há algo mais, algo que “desmente o jogo de palavras etimológico de seu nome; ele não sabia nem de onde vinham seus pés furados nem onde o tinham levado seus pés de exilado” (Foucault, 2011, p. 234). Édipo não é puramente aquele que não sabe; pelo contrário, ele é detentor de certo tipo de saber, de um conhecimento à mi-chemin (2011, p. 234),⁸ que tem suas características próprias, suas condições de exercício e seus efeitos: o saber tirânico.

Para Foucault, na peça de Sófocles, o poder é indissociável das formas de saber. Como todo tirano grego, ele é σοφός, isto é, sua tirania não se sustenta pela simples tomada à força do poder, mas antes, configura-se num tipo de saber que o torna, em relação aos outros, muito mais eficaz e resoluto. Assim, o protagonista de Sófocles representa “[...] um certo saber-e-poder, poder-e-saber [...]” (Foucault, 2002, p. 48).

Nesse sentido, ele salienta que um dos saberes próprios de Édipo é sua capacidade de encontrar, de descobrir (εὐρίσκειν) (Foucault, 2011, p. 241). Temos evidências desse traço de sua personalidade em muitos momentos da peça, em especial nas primeiras cenas, nas quais sua confiança de rei ainda está em alta. Perante o sacerdote e o povo, é ele quem deve encontrar (εὐρεῖν) (42) algum socorro para curar o flagelo que novamente consome a cidade. Ele confirma que já encontrou (ἤρρισκον) (68), depois de cuidadosa reflexão, a única providência cabível para o momento: enviar Creonte ao oráculo de Delfos. E ao justificar

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

para a população suas atitudes, ele os repreende por não haverem tentado descobrir (εὐρεθήσεται) (108-109) o assassino de Laio no tempo certo.

O texto de Sófocles deixa claro, ainda, que a nova tarefa que impele Édipo a descobrir o assassino do antigo rei inicialmente o preocupa (108). Entretanto, os versos seguintes apontam para uma retomada da segurança por parte dele, ante o desprezo de Creonte ao único detalhe que a testemunha ocular da morte de Laio poderia confessar: “Uma breve revelação pode facilitar-nos a busca, ἐξεύροι, de muita coisa, desde que nos dê um vislumbre de esperança” (120-121).

Três características do “encontrar” edipiano são significativas para Foucault. Primeiramente, refere-se a um exercício solitário, no qual Édipo deve “descobrir sozinho”. Em sua posição de rei, “ele quer se informar ele mesmo, encontrar ele mesmo, decidir ele mesmo” (Foucault, 2011, p. 241). À população aflita, nos versos iniciais, contesta: “Não quis que outros me informassem da causa de vosso desgosto; eu próprio aqui venho, eu, o rei Édipo, a quem todos vós conheceis” (6-8). Sua iniciativa rápida e diligente na busca de uma solução para o problema que afeta a cidade atesta seu processo de reflexão pessoal e sua tomada individual de posição. É o que confirmamos alguns versos depois: “E a única providência que consegui encontrar, ao cabo de longo esforço, eu a executei imediatamente” (67-68).

Na aula de 16 de janeiro de 1980, o pensador francês retoma o “encontrar” que Édipo faz a partir de si mesmo. Ele se utiliza de duas noções aristotélicas que, de acordo com o filósofo grego, servem

para a leitura de qualquer texto trágico: a peripécia (περιπέτεια) e o reconhecimento (ἀναγνώρισις). Por peripécia, compreende-se “a mudança dos acontecimentos para o seu reverso” (*Po.* 1452a 21-22) e, por reconhecimento, a “passagem da ignorância para o conhecimento, para a amizade ou para o ódio entre aqueles que estão destinados à felicidade ou à infelicidade” (*Po.* 1452a 30-33). No caso de Édipo, temos o que Aristóteles considera a combinação exemplar para o efeito trágico. É o reconhecimento que coincide com a peripécia, pois, ao fim da peça, é o próprio Édipo que se encontra. Toda a pesquisa o leva para si mesmo, tornando o objeto da procura idêntico ao que é alcançado.

Já FOUCAULT, por sua vez, aborda a relação entre reconhecimento e peripécia da seguinte forma:

Na tragédia, há, então, a peripécia e há o reconhecimento. Na maior parte das tragédias, é a peripécia que leva, de alguma forma, ao movimento do reconhecimento, pois há o movimento de volta da situação, uma vez que a fortuna dos personagens muda, e, no final das contas, a verdade aparece, as máscaras caem e o que está escondido se desvela. É o que acontece em *Electra*, em *Filocteto*, etc. Em *Édipo-Rei*, podemos dizer que se dá o contrário. Podemos dizer que é uma tragédia que tem algo em particular: o mecanismo do reconhecimento; é o caminho e o trabalho da verdade que vai, nele mesmo, levar ao reverso (*retournement*) da fortuna dos personagens. Assim, *Édipo-Rei*, como todas as tragédias, é uma dramaturgia do reconhecimento [...] (2012a, p. 25).

Atrás de todo movimento progressivo de descoberta do assassino do antigo rei, Édipo faz o

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de *Édipo-Rei*’, p. 109-133

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

reconhecimento de sua identidade.⁹ O salvador de Tebas, o decifrador de enigmas, o rei estrangeiro venerado como deus, é agora ele mesmo aquilo que se procura. A pergunta “quem matou Laio?” desvela, aos poucos, outra questão igualmente crítica e talvez mais profunda: “quem é Édipo?”. É sobre essa tênue linha que divide uma busca e outra, uma descoberta e outra, que Foucault alerta para o fato de que esse reconhecimento empreendido pelo protagonista, “como motor da tragédia” (2012, p. 25), tem um caráter refletido, atingindo um nível pessoal e intransferível. “Édipo ignorava no início e, ao final, ele vai se encontrar no saber; o que ele sabe, que é ele mesmo, o ignorante, o culpado que ele procurava” (FOUCAULT, 2012a, p. 25).

O eixo individual do reconhecimento, que determina a passagem da ignorância para o saber, é sucedido pelo que Foucault considera a segunda característica do “encontrar” edipiano: ele é um exercício que depende necessariamente de uma testemunha (Foucault, 2011, p. 241). Édipo se admite como protagonista, mas de uma ação da qual ele não tem a lembrança, ou antes, de um evento do qual ele não entende os segredos ou os significados. Se há algo que constrange Édipo no caso do assassinato de Laio, é a ideia de que ele não estava lá; de que ele não viu com seus próprios olhos (εἰσεῖδόν) (105). Alheio ao acontecido, ele não pôde, por si mesmo (αὐτός), descobrir o culpado (219-221) e, por isso, agora é necessário buscar alguém que tenha presenciado, τὸν δ' ἰδόντ' οὐδεὶς ὄρᾳ (293). É com este espírito que, no fim da peça, prestes a desvelar seu passado, ele insiste em encontrar o pastor, testemunha única do crime outrora cometido (1051-1052).

A interseção do saber solitário e do saber testemunhal é determinante em Foucault para o resultado trágico da peça. O prolongamento que Édipo faz da lembrança leva-o para as cabanas do Citerão, onde a única pessoa capaz de legitimar as informações sobre seu nascimento se esconde. Nem o povo, nem sua esposa e filhos, nem mesmo ele, sabem algo sobre seu próprio passado. O fragmento visível de seu destino descansa nos longínquos campos de Tebas, lugar onde o pastor guarda o segredo sobre o nascimento do rei estrangeiro. Se Édipo cai na armadilha de seu destino não é por sua ignorância, mas antes, por seu excesso de saber, por sua obstinação pela verdade completa, pelo reconhecimento de sua verdadeira identidade (Foucault, 2002, p. 47).¹⁰

A procura dos traços daquilo que o rei esteve impossibilitado de ver com seus olhos se apresenta, para Foucault, como a terceira e última característica do “encontrar” edipiano. É a identificação dos elementos visíveis que unem passado e presente. Ao mensageiro de Corinto, exclama: “desejo ouvir de ti, estrangeiro” (957). Em seu diálogo com Jocasta, contesta: “impossível, com base em tais indícios, deixar de elucidar minha origem” (1059). Sobre o detalhe que pode colaborar com a investigação, ele solicita: “uma breve revelação pode facilitar-nos a busca de muita coisa” (120). E ainda em relação a qualquer vestígio que permita seguir a pista do criminoso, ele lamenta: “só e sem melhor indício será difícil prolongar a busca” (221).

3. A *TÉKHNE* EDIPIANA

Nas análises de Foucault, vemos que a capacidade de “encontrar” de Édipo se relaciona diretamente

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

com uma τέχνη específica. Para ele, o poder conquistado pelo protagonista sobre Tebas, se fundamenta numa “épreuve de connaissance”, (2011, p. 239) que se desenvolve, no decorrer da narrativa, por meio de um duplo saber. O primeiro deles é esse que o torna competente para resolver o enigma colocado pela Esfinge. O segundo, é esse saber que permite à cidade, pela prova dada, βασιάνω, reconhecê-lo como sabedor, σοφός. E é precisamente essa última perspectiva que motiva o coro a cantar: “Porque foi perante todos que outrora veio contra ele a virgem alada; vimos bem o quanto ele é inteligente, e foi mediante essa prova magnífica que ele se tomou querido pela cidade” (506-510).

Disso segue o que Foucault (2002, p. 41) chama em Édipo de um “saber de experiência”. Mas em que consiste isso? Para explicar tal noção, no curso de 1981 ele retoma o diálogo combativo que o rei mantém com Tirésias. Nessa cena, Édipo, indignado com a acusação do adivinho,¹¹ imediatamente exclama: “Ó riqueza! Ó poder! Saber que supera todos os outros saberes, quanta inveja despertais contra o homem a quem todos admiram!” (380-382). Os dois primeiros aspectos da trilogia “riqueza, poder e saber supremo” são correlatos entre si e comuns do modelo de soberania clássica: “[...] exerce-se o poder porque se é rico, torna-se rico porque se exerce o poder” (Foucault, 2012b, p. 62). Nos textos arcaicos, eles jamais estão ligados a uma τέχνη particular, sendo que, no Ocidente, em geral, essa relação acontecerá somente mais tarde. Por isso, a questão a ser analisada está no último ponto, nesse que é próprio do saber de Édipo: o seu “saber supremo” (τέχνη τέχνης).¹²

Sempre que Édipo faz menção à τέχνη τέχνης é para falar de si, de sua soberania, de sua capacidade notória de encontrar (εὐρίσκειν). Foucault nos mostra isso quando compara essa virtude do herói com as de outros dois personagens que não possuem τέχνη, mas exercem, de certa forma, algum tipo de poder.

O primeiro deles é Creonte, o enviado de Édipo a Delfos, para consultar o deus sobre o mal que atinge Tebas. Após seu retorno, ele é acusado pelo rei de falsificação do oráculo, bem como de ser cúmplice de Tirésias num golpe para a tomada do poder na cidade. Em relação a essa denúncia, ele contesta: “acreditas que alguém prefira o trono, com seus encargos e perigos, a uma vida tranquila, se também desfruta poder idêntico? Por minha parte, ambiciono menos o título de rei, do que o prestígio real” (585-588).

A fala de Creonte é, para Foucault, um sofisticado argumento no qual se conserva a perspectiva de que é improvável que ele tenha feito aquilo pelo qual está sendo acusado. Como pertencente à realeza pela sua descendência, ele desfruta de todo o prestígio de rei, mesmo não o sendo. Além do mais, está isento da responsabilidade de governar. Por não se tratar de um exercício individual de soberania, a base de seu poder é a dinastia e não a tirania. “Tudo lhe vem de suas prerrogativas, de seu status, de suas precedências, onde não há, portanto, necessidade de τέχνη, de arte de conhecimento, de saber fazer, para estar lá onde ele está e para tirar benefícios” (FOUCAULT, 2012b, p. 63-64). O esforço de Creonte é de construir sobre si mesmo o perfil do σοφονόος.¹³

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

O tom do discurso de defesa do irmão de Jocasta no tribunal de Édipo é a exaltação de um temperamento sensato e meditativo (585-587). Tal virtude lhe possibilita não ser arrogante nem excessivo com os outros: “Atualmente, todos me saúdam, todos me acolhem com simpatia; os que algo pretendem de ti, procuram conseguir minha intercessão; para muitos é graças a meu patrocínio que tudo se resolve” (596-598). A σωφρωσύνη de Creonte o exime da necessidade de τέχνη (Foucault, 2012b, p. 64).

O segundo personagem é Tirésias. No texto de Sófocles encontramos três momentos em que a expressão τέχνη é interposta a respeito do adivinho. Foucault alerta para o alto grau de ironia que essas passagens carregam (2012b, p. 64). A primeira delas é quando Édipo, acusado pelo profeta de ser o assassino de Laio, interpela: “Quem te disse isso? Com certeza não descobriste por meio de sua arte (τέχνη)” (357). A segunda passagem se dá quando Édipo questiona a falta de ação de Tirésias em relação à maldição da Esfinge. Ele indaga sobre os motivos de o profeta não ter utilizado sua τέχνη contra a terrível cantora que devastava Tebas e conclui: “[...] este pérfido charlatão que nada mais quer, senão dinheiro, em sua arte (τέχνη), é cego” (389). E por fim, mais tarde, é Jocasta que, tentando acalmar Édipo, duvida do poder de Tirésias: “Não deixes que esse assunto te aborreça. A arte da profecia (μαντικῆς ἔχον τέχνης), debes sabê-lo, não interfere nas questões humanas” (707-709).

Duplo humano do deus Apolo, o poder de Tirésias é fruto da mântica, da profecia, da “inspi-

ração dos pássaros” (395). Se ele diz a verdade, não é pela τέχνη, mas pelo fato de que a verdade o habita e se projeta em suas palavras: “Eu conheço a verdade poderosa!” (369). Além do mais, essa possibilidade de dizer a verdade sem recorrer a uma τέχνη permite a Tirésias falar daquilo que ele faz, de sua arte, utilizando a expressão φρονεῖν. Com ela, o adivinho indica uma atitude reflexiva, sobre a qual, voltando-se para si mesmo, escuta a palavra do deus e torna-se capaz de compreender e de pronunciar a verdade. “Tirésias manifestou sua força e sua virtude pela reflexão sobre ele mesmo e pelo pensamento em sua profundidade original” (Foucault, 2012b, p. 64).

A comparação com o saber desses dois personagens é profícua também noutro sentido. Édipo tem a τέχνη e, ademais, é o único com os poderes políticos para encontrar as pistas que levam ao assassino de Laio. A junção desses dois elementos é decisiva para o entendimento de outra característica do saber do herói: ele é ζητητής, um investigador. A palavra ζητεῖν e seus cognatos abundam no texto de Sófocles, e isso não parece ser mera coincidência.¹⁴ Além do estilo próprio de Édipo, que, com a inteligência, investiga, examina, esclarece e questiona, ela revela um momento singular da história da antiguidade. Como mostra Knox, o século V, em Atenas, é marcado por um espírito crítico e inventivo sem igual, resultado das grandes realizações filosóficas, científicas e artísticas. Édipo, em sua atividade de “encontrar”, nada mais é do que a expressão máxima desse novo homem grego, numa época em que se louvam a supremacia humana, o desenvolvimento científico e a valorização do intelecto (Knox, 2002, p. 102-103).

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

4. ÉDIPO E O SABER DA PILOTAGEM

As conferências de Foucault são ricas no que se refere aos sentidos que esse saber próprio do herói adquire no texto de Sófocles. Por isso, a história de Édipo não é tanto um enredo sobre a ignorância ou sobre a inconsciência, mas, antes, uma história da multiplicidade de saberes e poderes; uma trama sobre o excesso de saberes e sobre a série de procedimentos e de enfrentamentos que os produzem. E se Édipo, com seu próprio raciocínio e sabedoria, é quem tem poder para investigar, ele o faz porque é o piloto, ou seja, o timoneiro que conduz o navio que é a cidade.

Algumas metáforas são emblemáticas neste aspecto. Tebas é comparada a um navio e os versos iniciais deixam isso muito claro. “Vapor de incenso assoma em meio à polis, assomam cantos fúnebres, lamentos”, diz o rei, ao povo angustiado que se reúne em frente ao palácio (4-5). Mais tarde, é o sacerdote que, dirigindo-se a Édipo, ressoa o tema novamente: “Naufraga a pólis, podes conferi-lo” (22). Creonte, retornando de Delfos, relaciona Édipo ao antigo rei, no leme do navio-cidade: “em tempos idos, tivemos um capitão (ἡγεμῶν), Laio, antes que levaste a cidade ao rumo certo” (102-103). O coro, num canto de fidelidade ao soberano, o exalta como piloto: “Já o disse e o repito, senhor, desprovido de razão eu seria, insensato, se te abandonasse, tu que pilotaste minha amada pátria, abalada, às águas da prosperidade guia-a, agora, se podes, a porto seguro” (690-697). Já com sua soberania ameaçada e vendo seu poder se esvaziar aos poucos, é Jocasta que contesta: “todos trememos assombrados ao vermos desorientado o timoneiro do nosso barco” (923-924). E quando a

verdade vem à tona, com toda sua força, é o coro que lamenta: “Célere, meu rei celebrado, no mesmo porto aportaste, esposo, rebento e pai” (1207-1209).

Numa análise bastante interessante, da qual extraímos um breve comentário, Detienne e Vernant recordam a vinculação, na Grécia antiga, da inteligência com a navegação, principalmente relacionando esta última à noção grega de Μῆτις.¹⁵ O piloto do navio age com destreza ante os desafios do mar. Ele tem γνώμη πολύβουλος, ou seja, um ser que possui uma inteligência de múltiplas facetas. Dele se espera a atenção constante às variações do tempo, à direção dos ventos e ao rumo que indicam os astros. Com os golpes de leme, sua principal função é corrigir os afastamentos no navio, e, com habilidade, ele deve pilotar, dirigir, endireitar e levar reto o navio ao termo último do curso.

Por uma caminhada cheia de desvios, em traçados oblíquos e circuitos tortuosos, desenhados pelos movimentos do mar e pelos caprichos do vento, a inteligência sabe conduzir o navio, sem jamais se desviar da rota que ela de antemão meditou seguir (DETIENNE; VERNANT, 2008, p. 204).

Além disso, pela quantidade de vezes que Sófocles utiliza a metáfora em sua tragédia, podemos concluir, em acordo com a dupla de helenistas, que para ele “a navegação está em primeiro lugar na lista de empreendimentos do ser ‘cheio de recursos’ (παντοπόρος)” (Detienne; Vernant, 2008, p. 202).

Em Foucault, encontramos aspectos essenciais dessa astúcia da pilotagem no saber-poder tirânico

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

de Édipo. Ela se situa exatamente no contexto da τέχνη do protagonista. O pensador francês liga, no curso de 1972, o recurso da pilotagem à inteligência de Édipo, que como o comandante do navio numa situação de perigo, responde ao desafio que lhe é apresentado a partir de sua γνώμη: “Após madura reflexão, achei solução e esta eu pus em prática: a Delfos eu enviei Creonte” (68-69). O piloto tem seus olhos atentos ao mar e suas mãos sustentam a embarcação para que ela chegue ao seu destino com segurança. Se Édipo é capaz de governar a cidade, é porque o seu saber solitário o conduz, como um piloto, “sem se apoiar no que se diz, sem ouvir ninguém”, querendo “ver com seus próprios olhos”.

A metáfora do que governa, do que pilota, é frequentemente utilizada por Édipo para designar o que ele faz. Édipo é o piloto, aquele que na proa do navio abre os olhos para ver. E é precisamente, porque abre os olhos sobre o que está acontecendo que encontra o acidente, o inesperado, o destino, a τύχη. Porque foi este homem do olhar autocrático, aberto sobre as coisas, Édipo caiu na armadilha” (FOUCAULT, 2002, p. 47).

Na conferência de 1981, Foucault estabelece um ponto de encontro entre a arte de navegar e a τέχνη τέχνης de Édipo (2012b, p. 66). Este, por assim dizer, “saber político da pilotagem”, apoia-se principalmente na descoberta da verdade a partir de elementos materiais e visíveis. Refere-se a uma arte de buscar, que se utiliza dos traços e dos signos para efetuar a passagem daquilo que não se sabe para aquilo que se sabe. É comparado ao conhecimento do piloto, que em meio às intempéries advindas das tempestades em alto mar, marca seu percurso pela

observação das estrelas, pelo manuseio da bússola e pela direção dos ventos. Contudo, Édipo, que deve conduzir de maneira reta a cidade rumo ao porto seguro, encontra nos sinais que ele desvenda os motivos de seu naufrágio. O que o herói de Sófocles desconhece é que, a série de investigações políticas, judiciárias e religiosas, que se servem de todos os vestígios e que tentam escapar do jugo dos deuses, levam-no mais tarde a sua derrocada.

5. CONCLUSÃO

O que torna Édipo apto para governar e, ao mesmo tempo, é determinante sua queda, é, por um lado, sua inteligência determinada e solitária e, por outro, o aporte do saber testemunhal, que ele não se cansa de buscar, com sua τέχνη. Nesse sentido, Foucault nos recorda que entre os deuses, que têm a certeza e a clarividência, e os homens, que têm somente os traços e os vestígios, Édipo é aquele que “encontra” (εύρίσκειν). E é exatamente por esse motivo que a passagem do passado para o presente, da ignorância para o conhecimento, não se dá pela predição dos profetas, pelo oráculo dos deuses ou pelas leis do Olimpo, mas pela habilidade de descobrir os indícios, as marcas; de encontrar nas pessoas que estão aqui, as coisas que escaparam no passado, até chegar àquelas que estavam lá, que podem testemunhar sobre o que viram e ouviram.

ENDNOTES

¹ Outro aspecto determinante relacionado ao saber em Édipo é o ‘saber oracular’. Diferentemente de versões anteriores, como em *Sete contra Tebas*, onde a profecia é uma advertência, – a cidade se salva caso Laio não tenha filho – em Sófocles não há salvaguarda: o rei está

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

predestinado a morrer pela mão de Édipo (Dodds, 1966, p. 41). O que Karl Reinhardt destaca é que no caso de Édipo-Rei, ao contrário de *As Traquínias*, o oráculo é deslocado para longe do início da peça, de forma que a segurança de todos já está abalada e a confiança em Édipo, um quase deus, já foi quebrada (2007, p. 117).

² Para citações diretas do texto de Sófocles, utilizaremos os números dos versos compatíveis com as obras utilizadas e contidas nas referências deste trabalho.

³ Sobre isso, comenta VERNANT (1999, p. 85): “O saber de Édipo, quando ele decifra o enigma da Esfinge, trata já, de uma certa forma, dele mesmo. Qual é o ser, interroga a sinistra cantora, qual é ao mesmo tempo dípous, trípous, tetrápous? Para Oidípous, o mistério é apenas aparente: trata-se dele, é claro, trata-se do homem”.

⁴ Sobre Édipo como “Know-foot” e “Swell-foot”, ver também Charles Segal (1999, p. 207).

⁵ Knox (2002, p. 163) comenta a partir de Pearson: “Parece-nos estranho que Sófocles tenha tido o mau gosto de introduzir um trocadilho etimológico neste estágio da ação. O fato, porém, é indiscutível [...]”.

⁶ São eles: Earle (1901, p. 40); Knox (2002, p. 163).

⁷ “Estrangeiros, de vós podereis saber onde, fica o palácio do *tyrannus Oidipous*, ou melhor ainda, onde ele mesmo se encontra, se sabeis onde” (924-926).

⁸ Interessante notar que Karl Reinhardt (2007, p. 140) utiliza a ideia de “meia-verdade”.

⁹ Deve-se registrar aqui uma alteração substancial da peça sofocliana em relação ao mito. No centro da obra está a busca de Édipo por sua própria identidade. A maldição familiar, tema comum às versões anteriores a Sófocles, é substituída pela questão de “não ser quem realmente se acredita que se é”. Sobre isso, KARL REINHARDT (2007, p. 119) afirma que a tragédia de Édipo “é, antes, à diferença de outras tragédias gregas, a tragédia da aparência humana, em que a aparência é subentendida como o ser, assim como a *alétheia* é subentendida em Parmênides, como *doxa*”.

¹⁰ Em DODDS (1966, p. 48) lemos: “*To me personally Oedipus is a kind of symbol of the human intelligence which cannot rest until it has solved all the riddles — even the last riddle, to which the answer is that human happiness is built on an illusion*”.

¹¹ “Creonte em nada concorreu para teu mal; tu somente és teu próprio inimigo” (379).

¹² No ano anterior, no curso *Du Gouvernement des Vivants*, na aula de 23 de janeiro, Foucault já aborda o tema da τέχνη τέχνης. Entendemos que a conferência de 1981 se apresenta como uma leitura simétrica desta aula.

¹³ Karl Reinhardt corrobora esta ideia na medida em que considera Creonte “o homem racional” (2007, p. 130).

¹⁴ Por exemplo, nos versos 362, 450, 658, 659, 1112.

¹⁵ A fim de explicar a noção de Μῆτις, citamos DETIENNE e VERNANT (2008, p. 203-204): “O homem que possui a Μῆτις está sempre prestes a saltar; ele age no tempo de um relâmpago. Isso quer dizer que ele cede, como fazem comumente os heróis homéricos, a um impulso súbito. Ao contrário, sua Μῆτις soube pacientemente esperar que se produzisse a ocasião esperada. Mesmo quando ela procede de um impulso brusco, a obra da Μῆτις situa-se nos antípodas da impulsividade. A Μῆτις é rápida, pronta como a ocasião que ela deve apreender no voo, sem deixá-la passar [...] Em vez de flutuar lá e cá ao sabor das circunstâncias, ela ancora profundamente o espírito no projeto que ela maquinou antes, graças a sua capacidade de prever, além do presente imediato, um pedaço mais ou menos espesso do futuro”.

BIBLIOGRAFIA

BOLLACK, J. (1995). *La naissance d'oedipe*. Traduction et commentaires d'oedipe roi. Paris, Éditions Gallimard.

DODDS, E. R. (1966). *On Misunderstanding the 'Oedipus Rex'*. Greece & Rome, Second Series, Vol. 13, No. 1. p. 37-49. Cambridge University Press on behalf of The Classical Association. URL= <<http://www.jstor.org/stable/642354>>. Acessado em: 01 de agosto de 2016.

EARLE, M. L. (1901). *The Oedipus Tyrannus*. New York, American Book Company.

DÉTIENNE, M.; VERNANT, J. P. (2008). *Métis: as astúcias da inteligência*. São Paulo, Odisseus Editora.

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, ‘Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei’, p. 109-133

FOUCAULT, M. (2002). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, Nau Editora.

FOUCAULT, M. (2008). *Le Gouvernement de soi et des autres. Cours au Collège de France. 1982- 1983*. Paris, Gallimard, Seuil.

FOUCAULT, M. (2011). *Leçons sur La Volonté de Savoir. Cours au Collège de France. 1970-1971*. Paris, Gallimard, Seuil.

FOUCAULT, M. (2012a). *Du Gouvernement des vivants. Cours au Collège de France. 1979-1980*. Paris, Gallimard, Seuil.

FOUCAULT, M. (2012b). *Mal faire, dire vrai. Fonction de l'aveu en justice*. Louvain, Belgique, Presses Universitaires de Louvain.

KNOX, B. (2002). *Édipo em Tebas*. São Paulo, Perspectiva.

KURY, M. G. (1989) *Sófocles. A trilogia Tebana. Édipo-Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

MAZON, P. (1962) *Sophocle. Tragédies*. Paris, Les Belles Lettres.

MAZON, P. (2007) *Sophocle. Tragédies*. (Ed. Bilingue Français-Grecancien) Paris, Les Belles Lettres.

REINHARDT, K. (2007). *Sófocles*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

SCHÜLER, D. (2004) *Sófocles. Édipo-Rei*. Rio de Janeiro, Lamparina.

SEGAL, C. (1999). *Tragedy and civilization. An Interpretation of Sophocles*. Norman, University of Oklahoma Press.

SEGAL, C. (2001). *Oedipus Tyrannus: tragic heroism and the limits of knowledge*. New York, Oxford University Press.

VALENTE, A.M (2008). Aristóteles. *Poética* (tradução e notas). Lisboa, Calouste Gulbenkian.

VERNANT, J. P.; VIDAL-NAQUET, P. (1999). *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, Perspectiva.

VIEIRA, T. (2012) *Sófocles. Édipo-Rei de Sófocles*. (Edição bilíngue Grego-Português). São Paulo, Perspectiva.

Submetido em fevereiro e
aprovado para publicação em novembro, 2016

ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Fabiano Incerti, 'Da ignorância ao conhecimento: uma leitura foucaultiana de Édipo-Rei', p. 109-133

